

Jantar *in Memoriam* **Konrad Adenauer**

A memória de homens como Adenauer ou Churchill, que se tornou uma parte fundamental do Estoril Political Forum, é mais do que um olhar retrospectivo para os livros de História da Europa.

É um enorme prazer estar de volta ao Estoril. Estou agora no meu quarto Estoril Political Forum e estou a entrar na rotina. Quando, em 2011, me foi pedido

que encerrasse esta prestigiança conferência com o Jantar Konrad Adenauer, senti-me imensamente orgulhoso e privilegiado. Isto não mudou. Mas, ao longo dos anos, apercebi-me de que sou praticamente a última paragem antes de começar a dança e de que tenho que falar depois de tudo já ter sido dito pelo menos uma vez durante os últimos dias.

O que é ainda mais desafiante é o jogo de futebol com o qual tenho de competir a cada dois anos, quer durante o Campeonato Mundial ou o Campeonato Europeu. É uma competição injusta. Mas, felizmente, tenho de admitir que o jogo de hoje, Honduras contra Suíça, é certamente uma ameaça menor do que durante o Campeonato do Mundo de 2012 quando Portugal jogou contra a Espanha e eu tive que acabar o meu discurso apenas segundos antes do apito do árbitro dar início à partida.

Outra desvantagem que se desenvolveu ao longo dos anos é o facto de que estou simplesmente sem mais piada e ane-



POR
Thomas Stehling

Director da Fundação Konrad Adenauer em Espanha e Portugal

dotas sobre o velho homem cujo nome transportamos com tanto orgulho.

Mas o legado de Konrad Adenauer, as suas visões e os seus ideais podem ainda fornecer-nos as respostas para muitas das questões e desafios que enfrentamos no mundo actual.

E é precisamente por este motivo que estou grato pela oportunidade que esta noite me oferece. A memória de homens como Adenauer ou Churchill, que se tornou uma parte fundamental do Estoril Political Forum, é mais do que um olhar retrospectivo para os livros de História da Europa. Ao invés, vai ajudar-nos a dar forma às respostas para o caminho que temos de percorrer – um conselho, sem custos, aberto e disponível para todos nós. O que mais poderíamos pedir em tempos difíceis?

Gostaria de agradecer, mais uma vez, ao Professor Espada e à sua fantástica equipa por nos darem esta oportunidade!

Estes são dias muito especiais para as relações entre Portugal e a Alemanha. O nosso Presidente está neste momento em Portugal, numa visita de Estado, e foi ontem celebrado o 60º aniversário da Câmara de Comércio Luso-Alemã.

Na noite passado, no jantar oferecido pelo Presidente Cavaco Silva no belo Palácio da Ajuda, o Presidente Gauck afirmou “Lisboa e Berlim estão a 2500km de distância entre si. Mas nós sentimo-nos vizinhos numa casa Europeia comum”. Eu acredito que esta ideia está correcta.

Todos nós encaramos com grande respeito e simpatia a história de sucesso portuguesa. Portugal está de volta ao bom caminho.

O país deixou o programa da troika no dia 17 de Maio. Já deixou também a recessão, o crescimento económico regressou, as exportações estão a aumentar e o desemprego a diminuir. O défice público foi drasticamente reduzido de 10% do PIB para quase 4%, em menos de quatro anos, e Portugal vai alcançar o primeiro superavit primário desde 1997.

Na minha opinião, é importante que a Alemanha e outros parceiros Europeus não estejam apenas a aplaudir os resultados dos sacrifícios dos Portugueses e a significativa agenda reformadora do Governo para depois se focarem nos novos problemas que surgem na Europa e no resto do mundo.

Ainda há bastante trabalho por fazer.

O desemprego continua demasiado alto, os padrões de qualidade de vida estão em declínio e a insegurança e as desigualdades nas nossas sociedades estão a aumentar.

Precisamos de ajuda para curar as feridas nas sociedades de países como Portugal que sofreram bastante durante os últimos anos.

De outra forma, juntar-se-ão as reacções emocionais que já podemos observar à nossa volta.

A globalização assusta as pessoas e não é encarada como uma oportunidade.

O ceticismo sobre os benefícios do Acordo de Comércio Transatlântico está a aumentar.

E tudo isto contribuiu para o apoio a partidos populistas e eurocépticos que irão ocupar cerca de 30% dos lugares no novo Parlamento Europeu.

Nesta situação, o centro político da Europa tem que mostrar unidade e di-

recção. Isto tem de começar amanhã e na sexta-feira.

Neste momento, temos uma campanha sobre a direcção, as questões e sobre as pessoas para o futuro da Europa. Mas não deixa de ser triste que parte deste debate tenha apenas começado depois das mesas de voto para o Parlamento Europeu tenham encerrado.

Em tempos como os que vivemos actualmente temos de ser bastante cuidadosos para não permitir que o debate sobre os problemas actuais e as suas desvantagens ensombrem o progresso substancial que foi alcançado durante os últimos anos da crise económica na Europa.

O facto é: aquilo que foi previsto por alguns profetas não aconteceu. A União Europeia não se desmoronou e o Euro não colapsou.

A preocupação mundial neste momento não é um Euro fraco, mas sim um Euro demasiado forte.

Mas novas iniciativas que promovam o crescimento são necessárias.

Estamos sentados em biliões de Euros que devem ser investidos na Europa, num momento em que 90% do crescimento se regista fora da Europa.

Precisamos de investir na nossa competitividade, nas nossas infraestruturas, em produtos e serviços que sejam atractivos nos mercados. A União Bancária poderá vir a apoiar isto.

Cem anos depois do início da Primeira Guerra Mundial, setenta e cinco anos depois do início da Segunda Guerra Mundial e vinte e cinco anos depois da queda do muro de Berlim, o medo da guerra e de perdermos a nossa liberdade está de volta à Europa.

A anexação da Crimeia e os acontecimentos na Ucrânia mostram-nos, numa realidade geograficamente muito próxima, que a paz não é autoevidente e que os valores, os direitos e as liberdades precisam-se de ser protegidos e defendidos.

Protegidos por todos nós e não apenas por um conjunto de líderes políticos.

Desfrutamos actualmente o período mais longo de paz na nossa história, a Europa está forte e é respeitada no mundo. Os cidadãos da Europa gozam de liberdade para viajar, para estudar, para trabalhar e para viver onde quiserem. Mas que isso não se tome como adquirido!

Por mais de vinte anos, a União Europeia e também a NATO consideraram a



A anexação da Crimeia e os acontecimentos na Ucrânia mostram-nos, numa realidade geograficamente muito próxima, que a paz não é autoevidente e que os valores, os direitos e as liberdades precisam de ser protegidos e defendidos

Rússia um parceiro com quem poderiam cooperar. A NATO até decidiu, em 2010, desenvolver uma parceria estratégica com a Rússia, existindo ainda conversações sobre a perspectiva de longo-prazo de ter a Rússia como membro da NATO.

Hoje é preciso perguntarmo-nos se houve entre os estados-membros da União Europeia e da NATO um declínio na capacidade para compreender a avaliar de forma adequada a Rússia.

Eu acredito que subestimamos, ou interpretarmos de forma incorrecta, o facto de a Rússia estar a ficar sem recursos, sem pessoas e sem capacidades, portanto, sem tempo.

A cimeira da NATO no País de Gales em Setembro irá ter que retirar lições sobre o que aprendemos na Ucrânia e sobre aquilo que pode, eventualmente, acontecer também noutras partes

da Europa.

Para tudo isto, Konrad Adenauer tinha a resposta certa. Num discurso em 1954 disse:

“A unidade Europeia era o sonho de poucos. Hoje é uma necessidade para a nossa liberdade, para a nossa existência enquanto nações e enquanto comunidade internacional intelectual e criativa.”

E agora, apenas uma palavra final naquilo que foi discutido também neste Estoril Political Forum: o quadragésimo aniversário da revolução portuguesa.

A Fundação Konrad Adenauer, tal como outras fundações alemãs, goza de um longo período de cooperação com os nossos amigos e parceiros em Portugal.

O nosso antigo director Gerd Langguth fazia parte da delegação de treze países Europeus que participaram na primeira conferência partidária do Centro Democrático Social em Janeiro de 1975. A conferência foi inicialmente planeada para ser em Lisboa mas teve que ser transferida para o Palácio de Cristal no Porto devido a enormes riscos de segurança em Lisboa.

Entre os amigos convidados por Amaro da Costa estavam também Wilfried Martens, antigo Primeiro-ministro Belga e líder do Partido Popular Europeu desde 1990 até à sua morte em Outubro de 2013, e Carl Bildt, o actual Ministro dos Negócios Estrangeiros sueco.

Mas mesmo no Porto, milhares de Comunistas se juntaram, bloquearam as ruas, incendiaram a carros e atiraram cocktails Molotov. Na sequência destes eventos, os delegados da conferência fundadora do CDS e os seus convidados internacionais não podiam deixar o edifício.

Enquanto os confrontos continuavam e se tornavam mais intensos, Gerd Langguth encontrou no Palácio de Cristal, já às primeiras horas da manhã, uma corda comprida que usou para descer do segundo andar para as traseiras do edifício. Assim, conseguiu informar a polícia e os meios de comunicação internacionais sobre a situação. Os outros participantes foram apenas libertados às sete horas da manhã por um grupo de paraquedistas que veio de Lisboa.

Este foi o início do nosso envolvimento. Estou grato que, actualmente, o meu trabalho seja significativamente menos arriscado. ■